

Mensagem do Dia do Autor 2013

Mário Zambujal

O Público e o Notório

Parto da lúcida frase que abre o convite para esta celebração – “Sem Autores não há Cultura” – permitindo-me acrescentar, prosaicamente: “E sem consumidores, os Autores não vão longe”.

Publicar é tornar público. O que significa, desde logo, um casamento... uma união de facto... ou mesmo encontro fortuito, entre os autores e essa entidade plural – de diferentes gostos e interesses – que por público designamos. Em consequência, empobrecer o público – com particular afinco a decisiva classe média – atinge os autores em duplicado: como cidadãos fustigados pela austeridade e pela austeridade que asfixia os destinatários das suas obras.

Sou um velho jornalista que escreve histórias. Já as escrevia nos jornais, ainda adolescente, bem antes de imaginar que tomaria o jornalismo como modo de vida. Pelos jornais, acamaradei com gente graúda da escrita – o Urbano Tavares Rodrigues, o Augusto Abelaira, o Baptista-Bastos, o Luís de Stau Monteiro, o Fernando Assis Pacheco, a então menina – como, aliás ainda é – Alice Vieira. E outros. E outras. Vários deles me incitaram a dar o passo – à época mais invulgar – de escrever um livro. Desembarcei-me em pouco mais que uma quinzena de férias e o desarrincanço foi apresentado pelo Abelaira num sítio, à altura afamado estabelecimento de diversão nocturna no Cais do Sodré.

Divertira-me a mim próprio com esse divertimento, sem prosápias de literatura e sem aspirações de chegar muito além do círculo da malta

amiga. Não sucederia bem assim, mas assim me “matriculei” como autor – internacionalmente ocasional, esporádico.

Por esse tempo, convencidos de que o ainda distante século XXI nos iria presentear com um Portugal nunca visto, esclarecido, justo e venturoso, não se imaginava o apertão de agora.

Nem o estoio da explosão tecnológica. Um tipo da minha geração, que chegou a esta idade toda afeiçoado às palavras impressas no papel, torce-se um pouco perante as acrobacias de um tão admirável como execrável mundo novo. Tão admirável que se traduz num salto de civilização. Tão execrável que ensina a fazer bombas em casa.

Os jornais, que folheio há mais de seis décadas, têm os dias contados – dizem-me. Reajo recusando crédito a tal barbaridade. Os próprios livros – ousam alguns escrever – serão um dia peças para pesquisadores de modas ultrapassadas. Nunca por nunca ser – contesto – se inventará um sucedâneo do livro digno desse nome.

Hão-de compreender e perdoar estas embirrações de gajo antigo. Ao fim e ao cabo, aconteça o que acontecer, verdadeiramente insubstituíveis são os autores e as suas obras. E publicar será sempre um acto de comunicação com autoria – seja nos livros, sim, nos livros, na música, na pintura, no teatro, na escultura, no cinema – em tudo quanto cabe na vastidão das artes.

Vivemos um tempo escurecido mas provisório – como o de todos os desvios à razoabilidade. Do Estado – mande nele quem mandar – se espera a inteligência de olhar para uma gama de agentes culturais: sem eles, um país não será, propriamente, terra civilizada. Urge devolver o que a quase todos vão tirando – o direito de não serem apenas contribuintes, mas também consumidores. É o público. O caminho que hoje se percorre afasta-o também dos seus autores. É o notório. De permeio, apanham por tabela indispensáveis intervenientes: fecham editoras, livrarias e outras portas do circuito – lá vai mais gente boa para o desemprego.

Mas hoje é dia de festa – não abduquemos de esperança e firmeza. Hã-de mudar as políticas que lesam os autores – e toda uma sociedade que pretendem servir. Batalhar, é preciso. Bom exemplo temos na batalha constante da Sociedade Portuguesa de Autores, a sua direcção encabeçada pelo infatigável José Jorge Letria e todos os trabalhadores desta casa que nos reúne.

Finalmente: sobretudo como consumidor – que também sou – das obras de tantos autores que admiro, tomo a liberdade de pedir, quase exigir: não fiquem parados! Tudo o que fizerem será mais duradouro que um episódico governo.

(Lido pelo autor na sessão realizada em 22 de maio, na sala-galeria Carlos Paredes, edifício II da Sociedade Portuguesa de Autores).